

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Correio do Povo*

Class.: 413

Data: 26.10.63

Pg.:

Assunto Índio – Assunto Humano  
 Correio do Povo 26.10.1963

(AO DEPUTADO DARIO BELTRAO)

Moysés Westphalén

O sol já se inclinava para o poente. As sombras da tarde espreguiçavam-se languidamente pelo chão nù daquela alegre cidade missioneira.

Vencendo o declive da rua poeirenta, aproximava-se um vulto de mulher. A terra vermelha, levantada pelo andar suave da caminhante, elevava-se ao sol da tarde, formando uma auréola resplandescendente a envolver a jovem índia que entrava na cidade. Sim, era uma índia. Vinha alegre, arisca e curiosa.

Trazia às costas, preso por correias de embira macia, atadas à frente, seu fardel inseparável: o filho. Às mãos, carregava objetos de sua arte simples, primitiva, mas bela e surpreendentemente engenhosa. A arte, que suas avós criaram e tornaram indústria, propiciava alguns recursos à jovem índia e ao mesmo tempo servia de pretexto para a satisfação de sua curiosidade ingênua. Ela sentia prazer em perscrutar os estranhos sons da cidade e deliciava-se com as cores vivas das casas e roupas dos civilizados. Não compreendia como podiam sentir-se bem, apertados naquelas roupas complicadas, mas achava bonito. Vendendo aqui e ali, cestos, peneiras, ia juntando escassas moedas de níquel. Passando por um bar, desse arrabalde, foi atraída pelos coloridos dos confeitos e pela possibilidade de vender toda a sua tralha.

Sua robustez e, de certa forma, também sua beleza rústica, envolta em longo e rodado vestido vermelho e branco, completamente fora da moda entre os civilizados, atraíu a atenção dos que aí conversavam e libavam. Oferecia seus artefatos. Eles conversavam, ri-am, procuravam fazer-se entender. Davam-lhe doces, balas, e faziam gracejos com a criança, que, assustada, escondia o rostinho entre os longos cabelos da mãe. De repente, um daqueles que existem em toda parte, dos que tudo fazem para atrair para si as atenções, entendeu de oferecer uma bebida alcoólica, um meio copo de vermute. Os índios têm fama de gostarem imensamente de um traguinho. Seria gozado ver a "bugra" de pileque. E todos acabaram achando boa a pilhéria. Tanto insistiram que a índia aceitou, inicialmente por curiosidade. Achava bonita a

cór do líquido que lhe ofereciam. Bebeu e gostou do paladar adocicado. Deram-lhe mais. Ela aceitou, já então, sorrindo, sentindo prazer. Depois ela mesma pedia, exigia mais, estendendo o copo vazio. Embriagou-se. Os civilizados sacudiam o ventre, em gargalhadas, divertidos. A índia bebeu mais um copo e foi-se embora, cantando. A turma do bar saiu toda à rua, para apreciar o esperado espetáculo que haviam arranjado naquele fim de tarde. Anoitecia já. Pelo centro da cidade, a índia exibiu sua embriaguês extrema, despertando o riso quase de todos os que a viam passar, balançando perigosamente o filho às costas. A esta altura, os promotores da festa já se haviam desinteressado do espetáculo. A pobre mulher caiu na sarjeta, a criança a debater-se, a chorar. Ela não mais podia ouvir o inocente, ébria como estava. Emaramhada em suas roupas sujas, em desalinho dormiu em plena rua. O divertimento dos civilizados estava consumado. Mas o fato despertou atenção. As mulheres da cidade apiedaram-se da pobre criancinha que derramava seu pranto desolado junto à mãe bêbada.

Todos concordaram que era uma monstruosidade daquela mulher embriagar-se daquele jeito, arrastando à sarjeta o filho inocente. Recolheram-no a uma creche da cidade. A índia foi levada a uma sala da delegacia de Polícia, a fim de curtir a bebedeira. Era um quadro comum. Toda a vez que os índios vinham à cidade, se repetia.

O gesto piedoso das senhoras foi louvado e aprovado por todos. O padre exaltou em sermão o procedimento de suas paroquianas.

E, se essa criança fosse afastada definitivamente daquela vida de vício, de miséria, não seria o coroamento de uma obra de caridade?

Sim, a cidade tomaria a seu encargo a educação do pequenino. O indiozinho seria adotado pelo município — anunciou o prefeito. E todos aplaudiram.

Acorreram diligentes mãos piedosas, trazendo roupas limpas e novas. A criança, alimentada e confortada, sorria, o doce sorriso da inocência.

A mãe, no entanto, mal feita da violenta bebedeira que

lhe deram, busca, atônita, o seu filhinho. Indaga, mais com gestos de desespero do que com palavras, sobre o paradeiro da criança. Alguns riem da sua aflição, outros escondem a verdade, na intenção de "salvar" o inocente. Mas, cada vez mais aflita ela persiste. Corre a cidade, aos prantos, implorando pelo filho. Alguem se comove e informa onde está a criança. A mãe corre, rindo e chorando, em sua direção. Contudo, a responsável pela creche esconde o menino. Talvez a índia inculta canse e abandone a criança nas mãos caridosas. O filho não era mais dela. A cidade o havia adotado. E quem o disse foi o prefeito. Não podiam entregá-lo àquela bêbada. Procuraram explicar à mãe que é para o bem do pequenino. A índia não entende. E pede e grita, e chora pelo filho. Passa o tempo todo a rondar em torno da casa. Recusa alimentos. Lamenta desesperada sua sorte numa linguagem que ninguém entende. Não pode se conformar com a perda do filho. As horas passam. A ronda e os gritos lancinantes continuam, ininterruptos. A voz que implora se faz rouca. E já a adoção piedosa do indiozinho não mais parece justa à senhora responsável pela creche. E, dela, e impressão chega aos vizinhos. A imagem eterna da mãe, símbolo de todas as virtudes, penetra no coração de todos. Uma piedade infinita invade as almas caridosas das senhoras que recolheram o filho. Dirigem-se, em comissão, ao prefeito. Agora pedem que o chefe da municipalidade devolva a criança à mãe em desespero. Este as recebe surpreso, mas depois de ouvi-las manda que a criança retorne à sua origem.

Até hoje ninguém esqueceu a expressão de felicidade da mãe índia no momento em que teve seu filho de volta. Colocou-o outra vez às costas, olhou desconfiada para todos os lados e fugiu correndo de volta à sua aldeia. Não se soube mais do indiozinho ou de sua mãe, porém ficou a lição a mostrar como tudo é relativo na vida. Nem sempre o que julgamos ser justo é o justo. Nem sempre o que parece certo é realmente o certo. Há muitos caminhos para a felicidade. Cuidemos para não tratarmos de modo absoluto, segundo a nossa razão individual.